

NOVOS LETRAMENTOS E ATIVISMO: APRENDIZAGENS FORMAL E INFORMAL NAS OCUPAÇÕES DE ESCOLAS EM SÃO PAULO

NEW LITERACIES AND ACTIVISM: FORMAL AND INFORMAL LEARNING
IN THE SCHOOLS OCCUPATIONS IN SÃO PAULO

*NUEVAS ALFABETIZACIONES Y ACTIVISMO: APRENDIZAJES FORMAL E
INFORMAL EN LAS OCUPACIONES DE ESCUELAS EN SÃO PAULO*

Richard Romancini

■ Mestre e doutor em Ciências da Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo. Atua como professor doutor do departamento de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo.

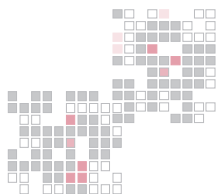
■ E-mail: richard.romancini@gmail.com.

Fernanda Castilho

■ Mestre em Comunicação e Jornalismo e doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade de Coimbra. Pós-doutoranda, bolsista do CNPq, em Comunicação, na Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Atua como professora doutora do curso de Tecnologia em Eventos da Fatec-Barueri

■ E-mail: fernandacasty@gmail.com.

128



RESUMO

Observar a relação entre o conhecimento requerido pelos jovens para a produção de mídia no contexto das ocupações de escolas públicas em São Paulo em 2015 e o que eles aprendem na escola é o objetivo principal deste trabalho. Utilizamos o conceito de política participativa (Jenkins, 2016) para a análise dos novos letramentos digitais, percebendo nas entrevistas, no grupo focal e nas postagens, as práticas juvenis de ativismo como mecanismo de resistência (Carpentier, 2011). Conclui-se que os conhecimentos escolares são utilizados indiretamente nas práticas midiáticas, mas os aprendizados tecnológicos se dão no contexto informal de socialização.

PALAVRAS-CHAVE: NOVOS LETRAMENTOS DIGITAIS; TECNOLOGIAS; JUVENTUDE; EDUCAÇÃO.

ABSTRACT

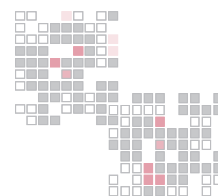
Observing the relationship between the knowledge required by the youth for media production in the context of the São Paulo public schools' occupations, in 2015, and what they learn in school is the main objective of this work. We used the concept of participatory politics (Jenkins, 2016) for the analysis of the new digital literacy, understanding through interviews, focus group and posts the youth practices of activism as a mechanism of resistance (Carpentier, 2011). We concluded that school knowledge is used indirectly in the media practices, but the technological education occurs in the informal context of socialization.

KEYWORDS: NEW DIGITAL LITERACY; TECHNOLOGIES; YOUTH; EDUCATION.

RESUMEN

Observar la relación entre los conocimientos que necesitan los jóvenes para la producción multimedia en el contexto de las ocupaciones de las escuelas públicas de São Paulo en 2015 y lo que aprenden en la escuela es el objetivo principal de este trabajo. Utilizamos el concepto de política participativa (Jenkins, 2016) para el análisis de las nuevas alfabetizaciones digitales, comprendiendo en las entrevistas, focus group y las publicaciones, las prácticas juveniles de activismo como un mecanismo de resistencia (Carpentier, 2011). Se concluye que los conocimientos de los estudiantes son utilizados indirectamente en los medios de comunicación, pero las lecciones prácticas en tecnología si se dan en el contexto informal de socialización.

PALABRAS-CLAVE: NUEVAS ALFABETIZACIONES DIGITALES; TECNOLOGÍAS; JUVENTUD; EDUCACIÓN



1. Introdução

Dizer que as crianças e jovens não aprendem somente na escola é, certamente, uma obviedade. Da mesma forma, não há novidade em notar que nas sociedades atuais há maiores possibilidades informativas, para esses grupos. A ampla variedade de meios e tecnologias de comunicação existentes e os novos potenciais formativos em função das práticas sociais ligadas aos recursos mencionados criam oportunidades para o desenvolvimento. Tema controverso, porém, é sobre as relações entre os conhecimentos formais, entendidos num sentido estrito como aqueles que são transmitidos e valorizados pelas instituições educativas, e os conhecimentos informais, ou seja, aqueles que são adquiridos fora das escolas.

Nesse trabalho, estamos interessados em investigar esse tema com foco nos **novos letramentos digitais** no contexto de **práticas juvenis de ativismo**. Utilizamos o movimento das ocupações de escolas públicas ocorrido no estado de São Paulo, Brasil, como caso de estudo.

O enquadramento teórico situa-se no âmbito da discussão sobre os novos letramentos e o potencial educativo do ativismo digital juvenil em contextos de aprendizagem (formais e informais) que se relacionam ao estudo e uso de mídias. No tópico seguinte é feita uma descrição sucinta do caso, para contextualizar a posterior explanação de objetivos do estudo e a discussão teórica.

2. As ocupações de escolas públicas em São Paulo e a mídia juvenil

Em outubro de 2015, o Governo do Estado de São Paulo anunciou um plano de reorganização das escolas, propondo a separação das unidades por ciclos (**fundamental 1**, para crianças do 1º ao 5º anos, **fundamental 2**, do 6º ao 9º anos, e **ensino médio**, de três anos), o que causaria o fechamento de 93 escolas. Parte significativa de estudantes e pais de alunos entendeu que a medida estava sendo imposta de maneira autoritária

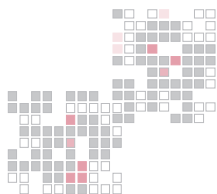
e que a proposta produziria classes superlotadas.

O governo, no início, procurou ignorar ou criticar os protestos estudantis, porém, ocorreram várias manifestações dos secundaristas, incluindo passeatas, reprimidas pela polícia militar. A falta de diálogo com o governo levou os estudantes a iniciarem um processo de “ocupação” das escolas, estratégia inspirada em movimentos anteriores de estudantes chilenos e argentinos¹, que se disseminou, constringendo o governo.

A partir de dados do Centro de Mídia Independente de São Paulo (2015), é possível notar que 219 escolas estiveram em algum momento ocupadas pelos estudantes. Apesar de dificuldades (repressões, pedidos de reintegração das escolas, etc.), os estudantes conseguiram sustentar o movimento, levando o governo a revogar o plano de reorganização, em dezembro de 2015. Após esta vitória, as escolas passaram a ser desocupadas, num processo que durou até meados de janeiro de 2016, e influenciou posteriores ações estudantis em outros estados brasileiros.

As ocupações e o movimento estudantil contra a reorganização das escolas paulistas não teriam ocorrido sem o desenvolvimento de ações de comunicação, por meio das quais os estudantes conquistaram a simpatia de parte da população, provocando queda na popularidade do governador (Mendonça, 2015). Análises do caso observam que, embora o governo criticasse os estudantes e os grandes meios de comunicação fizessem uma pequena – e por vezes negativa – cobertura, a comunicação interpessoal entre os estudantes e seus familiares/círculos pessoais produziu apoios para a causa (Campos; Medeiros; Ribeiro, 2016). Também importante, do ponto de vista da organização dos estudantes e da comunicação com a sociedade, foi o uso que os jovens fizeram de diversos serviços e tecnologias digitais. As infor-

1 Uma cartilha de estudantes chilenos e argentinos sobre “Como ocupar um colégio” foi adaptada por ativistas brasileiros e circulou amplamente, em formato impresso e digital.



mações que obtivemos corroboram a importância da mídia, como mostraremos.

3. Questões de pesquisa e metodologia do estudo

A nossa questão de pesquisa principal é: Qual a relação entre o conhecimento informal requerido para a produção juvenil de mídia no contexto das ocupações e o que jovens aprenderam e vivenciam, de maneira geral, nos contextos escolares?

Em outras palavras, a escola favoreceu (por meio de disciplinas, conteúdos, atividades pedagógicas, etc.) a utilização de linguagens da comunicação (fotos, vídeos, etc.), colaborando para dar forma à participação desses jovens em causas sociais e políticas? Essa questão de pesquisa geral tem desdobramento na indagação e discussão do desenvolvimento educativo escolar, na sua possível conexão com práticas midiáticas.

Utilizamos uma abordagem de investigação que combinou o uso de dados quantitativos e, principalmente, qualitativos. Foram quatro os procedimentos de coleta de dados para as análises: a) recolha e sistematização de postagens de 42 páginas de Facebook produzidas por estudantes de escolas ocupadas, b) uma entrevista, realizada em março de 2017, com um midiativista que ministrou oficinas em várias escolas, c) a realização de um grupo de discussão, em novembro de 2016, com seis estudantes que não tiveram participação direta na produção de mídia, mas que acompanharam esse trabalho e a ação dos meios de comunicação em geral, e d) obtenção de dados por entrevistas/questionário, em março de 2017, com sete estudantes que produziram mídia na época das ocupações.

4. Dimensões teóricas do estudo

4.1 Ativismo juvenil e política participativa

O ativismo juvenil, entendido como a ação ou conjunto de ações realizadas pelos jovens com o objetivo de produzir mudanças ou influenciar a

sociedade a respeito de certa causa, tem sido tematizado, junto com as preocupações expostas, por vários trabalhos no contexto anglo-saxão (Dahlgren, 2007; Bennet, 2008). A produção acadêmica e as práticas sociais no Brasil não têm abordado tão explicitamente o tema (o trabalho de Moita Lopes, 2010, é exceção), porém, ele possui relação com as preocupações com a cidadania que marcam o campo da comunicação e educação no país, como discutem Girardello e Orofino (2011). Conforme as autoras, “é possível afirmar que tanto as práticas que se autodefinem como **educomunicação** quanto as de letramento midiático incluem proposta de produção conectadas à participação criativa das crianças, e o uso de múltiplas linguagens”² (Ibid., p.119). No caso da proposta da educomunicação, Soares (2011) enfatiza a relevância da produção midiática juvenil, também preocupado com as dimensões da cidadania.

Do ponto de vista teórico, o ativismo que utiliza as mídias produzidas pelos participantes é definido por Jenkins (2016), que o exemplifica em ações do Occupy e outros protestos recentes, pelo que ele chama de “política participativa”. Resultado do encontro da cultura participativa com a participação política e cívica, este é um contexto no qual a reivindicação por mudança política é feita mais por meios culturais do que através das instituições políticas tradicionais e “onde os cidadãos veem a si mesmos como capazes de expressar suas preocupações políticas – com frequência por meio da produção e circulação de mídia”³ (Ibid., p.2).

Em outras palavras, como exemplifica o autor, os jovens que aprenderam a usar suas câmeras para gravar manobras de skate ou editar vídeos

2 Original: “es posible afirmar que tanto las prácticas que se auto-definen como *educomunicação* como las de la alfabetización mediática incluyen propuestas de producción conectadas a la participación creativa de los niños, y al uso de múltiples lenguajes”.

3 Original: “where citizens see themselves as capable of expressing their political concerns – often through the production and circulation of media”.



de fã estariam agora transferindo essas habilidades para o discurso político e a mobilização de base, descobrindo suas vozes cívicas a partir de ações e projetos que os encorajam a produzir e colocar a mídia em circulação (Ibid., p.40-42).

4.2 Participação

Antes de aprofundarmos a relação entre política participativa, ativismos juvenis e educação, convém nos determos no próprio conceito de participação. O que é a “participação” e por que ela importa? Jenkins (2016, p.41) descreve a participação como “a capacidade de forjar um senso de voz coletiva e eficaz, por meio da qual redes mais amplas atuam juntas para produzir mudança”⁴. Dessa forma, a participação pode ser instrumento para o desenvolvimento.

Carpentier (2011), discutindo as relações entre mídia e participação, defende a ideia de participação como mecanismo de resistência às estruturas de poder e como instrumento democrático alternativo. Para o autor, o equilíbrio entre inclusão e exclusão popular nos processos democráticos é central nessa discussão, pois envolve a distribuição de poder dentro da sociedade, tanto a nível macro como micro, o que se reflete na sua distinção entre “participação **na** mídia” (as regras internas de determinada plataforma digital proprietária, por exemplo) e a “participação **através** da mídia” (mais acessível às pessoas comuns, por meio da produção de conteúdos). Carpentier (2011) procura ainda discutir os elementos estruturantes da participação, enfatizando cinco dimensões: poder, identidade, organização, tecnologia e qualidade.

Assim, a análise da participação dos estudantes nos processos de utilização midiática para fins democráticos deve equacionar os poderes adquiridos por esses jovens, as negociações identitárias envolvidas nesse processo, a articulação de

comunidades de participação política, o uso das tecnologias como meio facilitador da participação e a contribuição da produção midiática para qualidade democrática que, nesse caso, envolve o diálogo entre alunos e instituição escolar.

4.3 Novos letramentos, engajamento cívico e educação

Scolari observa que:

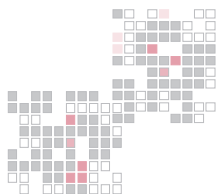
*Sob o guarda-chuva dos new literacies são abrigados numerosos conceitos, desde o letramento do século XXI até o letramento na Internet, passando pelo letramento digital, letramento em novos meios, multiletramento, letramento informacional, letramento em TIC, letramento informático ou transeletramentos*⁵ (Scolari, 2016, p.19).

Esses conceitos convergem, como discute o autor, ao salientarem a necessidade de promover o desenvolvimento de novas competências, indo além das habilidades nas quais os esforços da educação midiática tendem a se concentrar, ou seja, a análise e interpretação da produção midiática ou a produção desse tipo a partir de um modelo *broadcasting*. Percebendo uma mutação no ambiente midiático que torna os indivíduos cada vez mais capazes de combinarem e criarem conteúdos, Scolari propõe o conceito de letramento transmídia (*transmedia literacy*), como uma noção que, sem substituir ou ser uma alternativa ao letramento e à educação midiática estabelecidos, corresponderia a uma expansão dos conhecimentos e práticas sobre comunicação e educação.

A relevância desse conceito pode ser questionada, tendo em vista desenvolvimentos mais recentes da educação midiática – como mostra a discussão de Jenkins et al. (2006), ou a distinção

⁵ Original: “Bajo el paraguas de los new literacies se cobijan numerosos conceptos, desde alfabetismo del siglo XXI hasta alfabetismo en Internet, pasando por alfabetismo digital, alfabetismo en nuevos medios, multialfabetismo, alfabetismo informacional, alfabetismo en TIC, alfabetismo informático o transalfabetismos”.

⁴ Original: “ability to forge a sense of collective voice and efficacy through larger networks that work together to bring about change”.



que Buckingham (2012) traça entre uma “Educação para os Meios 2.0” e outra tradicional. Porém, o destaque dado por Scolari (2016) à renovada capacidade dos jovens utilizarem e produzirem mídia é, de fato, importante. Ao mesmo tempo, a preocupação do autor com a aprendizagem informal, para entender o que as novas gerações estão fazendo com os meios e tecnologias fora da escola, dialoga com nosso interesse em analisar essa dimensão. Ao fim, em termos mais práticos, se trata de fazer análises ou estudos que possam conduzir à criação de pontes entre os contextos formais (escolares) e não formais.

Há uma tensão natural entre esses âmbitos, na criação de mídia, tendo em vista que os objetivos intrínsecos dos jovens tendem a ser diferentes dos fins instrumentais das escolas. Ao se envolverem com determinada prática de produção ou consumo de mídia, a justificativa remete a interesses culturais, relações com os pares, questões de identidade e aos prazeres intrínsecos das atividades (Lankshear; Knobel, 2010), bem como o ativismo destacado aqui. As preocupações explícitas com as aprendizagens valorizadas pela escola estão em segundo plano.

Sobre a relação entre educação e ativismo, Jenkins (2016) defende o potencial educativo da última noção, uma vez que as ações desse tipo colaboram para formar cidadãos com interesse em questões sociais coletivas, bem como pode proporcionar novas oportunidades de aprendizado. Mas os jovens frequentemente precisam de ajuda para serem capazes de transferir as habilidades adquiridas no uso social e recreacional das tecnologias para fins políticos.

5. Estudo empírico

5.1. Panorama sobre a produção midiática das ocupações

A rede social Facebook pode ser vista como instrumento fortemente significativo para a mobilização, principalmente em termos públicos e pela

capacidade de articular diferentes conteúdos midiáticos. Como notou uma estudante entrevistada:

Para mim, ele [Facebook] foi um dos meios mais importantes na luta das ocupações, porque através das mídias sociais, das redes sociais – tanto o aplicativo como o Whatsapp, criar grupos do Facebook, páginas de luta na internet –, por que através disso nós conseguimos trazer os estudantes em massa para a nossa luta (D, estudante feminina da Capital – entrevista).

Desse modo, houve a criação de páginas mais gerais de apoio ao movimento, bem como das dedicadas especificamente à ocupação de determinada escola. Dentre as 219 escolas com ocupações, 50 (23%) preocuparam-se em elaborar uma página do Facebook relacionada ao movimento.

Ao analisarmos as 42 páginas que estavam ativas em dezembro de 2016 (8 delas estavam indisponíveis) no período de 1º de novembro de 2015 até 31 de janeiro de 2016 (pouco antes do início das ocupações e algum tempo depois), observamos que a maioria tinha sido criada no contexto do movimento. Verificamos ainda, quanto ao número e tipos de conteúdos midiáticos, que, no período em questão, foram feitas 4800 publicações (postagens), com a seguinte ordem de grandeza, de acordo com as categorias do próprio Facebook: fotos (2029, o que representa 42,5% do total), publicações textuais (*status*) (1509 – 31,5%), vídeos (558 – 11,5%), compartilhamento de links (555 – 11,5%) e eventos (149 – 3%). Nota-se, portanto, que houve diversidade na manipulação de linguagens midiáticas.

Percebe-se, numa observação geral sobre o conteúdo semântico das postagens, que predominam publicações que buscaram construir a identidade do movimento – o que se relaciona à importância que Carpentier (2011) dá a esse aspecto –, mobilizando os estudantes e, também, tentando ressaltar a justiça da principal reivindi-

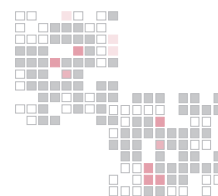


Figura 1 - Exemplos de memes produzidos durante as ocupações escolares



Fonte: <https://goo.gl/QBRRPf>, <https://goo.gl/yuvVvu> e <https://goo.gl/rtw4IU>

cação (cancelamento da reorganização escolar) e das que se agregaram ao movimento – como a defesa de escolas mais transparentes e democráticas. Pode-se dizer, portanto, que a produção foi um meio para a participação e também, ao indicar propostas e ser veículo de discussão, estratégia para qualificá-la.

Importante também quanto à identidade é o fato de que a produção da mídia pelos estudantes permitiu que muitos deles fossem **socializados** como ativistas, aprendendo a agir como militantes engajados numa causa com a qual tinham forte proximidade. Na produção de mídia juvenil nas ocupações, é saliente a aproximação entre o engajamento político e a cultura juvenil – como exemplificam os *memes* da Figura 1 –, que remete à noção de “política participativa”.

O midiativista e criador do Canal Secundarista⁶ Lucas Duarte⁷, que ministrou oficinas em escolas durante as ocupações, faz uma importante ressalva: “a produção de mídia não foi foco dos estudantes [secundaristas], até porque a maioria estava muito ocupada com todos os deveres de uma

escola [ocupada] (segurança, cozinhar)...” (entrevista pessoal). No entanto, ainda que nem todos tenham produzido mídia, o consumo dos meios, inclusive da produção dos próprios estudantes e dos canais alternativos que cobriram o movimento, era inevitável, como notaram os estudantes:

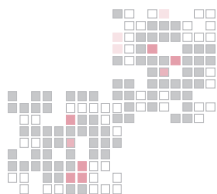
As mídias independentes e tal sempre deram superapoio nas questões de violência. Sem dúvidas, essas mídias mais alternativas, a internet e as redes sociais foram bem importantes, principalmente entre os próprios secundas... (C, estudante feminina da Capital – grupo de discussão).

Assim como esses espaços alternativos foram fundamentais para a constituição do engajamento e identidade do movimento, como já apontado, a consequente observação dos estudantes a respeito da imagem que foi sendo construída pela grande mídia sobre as ocupações foi peça importante para o desenvolvimento de uma postura crítica perante os meios, conforme observamos no relato:

Eu vejo a importância da presença dessa mídia produzida pelos estudantes no sentido dela trazer um olhar de: “Veja, existem diversas maneiras de se contar um acontecimento” e muitas das vezes, o modo como se conta esse acontecimento defende alguns interesses (A, estudante masculino da Capital – entrevista).

6 Página do Facebook que surgiu no contexto das ocupações de 2015, compartilhando notícias das escolas, muitas vezes feitas pelos próprios estudantes, no seguinte endereço: <<https://www.facebook.com/pg/canalsecundarista>>.

7 Optamos por identificar apenas esse participante da pesquisa, de modo a darmos crédito ao seu trabalho, sem, por outro lado, causar-lhe prejuízo, o que poderia ser o caso dos estudantes, já que alguns ainda estão em escolas, e em algumas há, segundo relatos dos alunos, retaliações aos que participaram de ocupações.



A produção desses estudantes se mostrava estratégica na luta para mostrar o que a mídia ocultava, usar a tecnologia como forma de autodefesa, justificar o movimento publicamente, etc. Além disso, a própria mídia propiciava aprendizados. Nesse sentido, uma produção realizada por Lucas Duarte em conjunto com estudantes de uma escola ocupada, numa oficina, é exemplar. Trata-se do vídeo “Nós somos nossa mídia”⁸ que, em um minuto e meio, apresenta uma série de recomendações para a feitura de gravações com celular, para proteger o grupo contra repressões. Duarte observa uma relação entre o aumento do número de vídeos de ações abusivas de autoridades, realizados pelos estudantes, após a postagem do trabalho mencionado. Os jovens teriam visto o filme e aprendido a fazer vídeos, o que justificaria o expressivo número de 500 mil visualizações que o trabalho teve no Facebook. Isso demonstraria também o modo de aprendizagem de uso da mídia – bem como de outras questões e conteúdos – fora da escola, de maneira informal, com o uso da internet principalmente. Segundo o ativista, ao dar oficinas aos secundaristas, notou que

Olha que engraçado, o conhecimento técnico deles era raso [...]. A democratização do acesso da tecnologia é boa, no sentido de que todos têm uma câmera na mão, mas ao mesmo tempo não havia nenhuma técnica, nenhuma preocupação estética. Um ou outro tinha uma noção, mas era difícil de encontrar. Mas o que eu vi: os que estavam ocupando, os que estavam tomando a frente do movimento, eles eram bem astutos: eles pesquisavam tudo no Google (entrevista pessoal).

Nas falas dos jovens que produziram mídia, a seguir, vamos reencontrar essa ideia de predomínio da aprendizagem informal para o uso das tecnologias de comunicação.

5.2. Mídia e contextos de aprendizado

Tendo em vista contrastar o que acontece no aprendizado formal e informal dos jovens a respeito das mídias, obtivemos informações de sete jovens que produziram conteúdos durante as ocupações, a partir das entrevistas e dados de questionário. O uso do questionário ou de entrevista, feita com dispositivos digitais (bate papo do Facebook ou telefone móvel), se deu a partir da escolha dos jovens, mas o roteiro de 14 perguntas⁹ foi sempre o mesmo. Houve quase paridade entre os que optaram por responder textualmente (sem mediação) e os que foram entrevistados.

Os participantes eram de escolas da Capital (quatro) e da Grande São Paulo (três), e em termos de gênero foram quatro mulheres e três homens. Aliás, conforme as informações obtidas na questão 14 do questionário, teria havido diversidade racial e de gênero na produção de mídia durante o movimento. Isso tende a ser explicado pelos jovens devido a preocupações de representatividade geral dentro das ocupações e ao seu teor participativo.

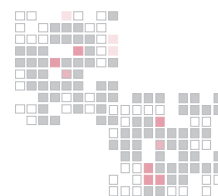
As questões 1 e 2, cujas respostas já foram exploradas, indagaram sobre a participação do jovem como produtor de conteúdos e sua opinião a respeito do papel da mídia nas ocupações.

A questão 3 buscava obter informações sobre o quanto a produção de mídia os tornava engajados com a causa das ocupações e com questões políticas mais gerais. As respostas seguiram um padrão interessante: a motivação poderia ser anterior, relacionada ao interesse prévio em questões sociais, no entanto, a produção obrigava os jovens a refletir mais tanto sobre o movimento quanto sobre sua participação nele, pois seu trabalho teria implicações que exigiam seriedade:

Eu não diria que fiquei mais engajado com a causa [por ter produzido mídia], mas minimamente me deu mais visões sobre qual-

8 Disponível no YouTube em: <<https://goo.gl/me2E58>>.

9 A íntegra do questionário pode ser vista nesse link: <<https://goo.gl/WrkKil>>.



quer tipo de acontecimento, seus motivos e consequências, não que hoje eu consiga saber definir claramente todos eles, mas sei que eles existem. E também aumentou uma visão sobre as escolhas que são feitas na hora da publicação de algum assunto por alguma mídia (A, estudante masculino da Capital – entrevista).

As questões 4 e 5 tinham o objetivo de compreender como os jovens adquiriram conhecimentos para a produção midiática e se isso havia se dado em contextos escolares ou se nestes a mídia havia sido utilizada. A utilização da mídia na escola é informada por apenas uma estudante, e nenhum dos jovens aprendeu alguma competência relacionada à manipulação de tecnologias na escola. Esse aprendizado ocorreu em cursos fora da escola (no caso de dois jovens), mas o que predominou foi o aprendizado informal, entre pares, e decorrente do próprio uso das tecnologias.

A gente não teve muito dificuldade com os meios, as ferramentas usadas para criar os nossos vídeos, os nossos textos, porque a gente, assim, a nossa geração, ela é uma geração que já está muito conectada em tudo. Então eu posso pegar uma simples câmera de um celular superbarato e jogar no computador e fazer aquilo virar um filme, entendeu? (D, estudante feminina da Capital – entrevista).

Por outro lado, essa mesma estudante nota uma relação importante entre conhecimentos escolares e produção midiática juvenil:

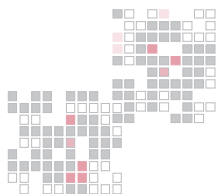
A gente teve que fazer pauta, teve que fazer texto, teve que fazer escrita, tanto na parte do jogral quanto nos vídeos, que na maioria das vezes eram jogral, ou na elaboração de textos. A gente precisou ter um tema, uma introdução, um desenvolvimento e a conclusão daquele problema. Então, a gente teve que usar muitas aulas

de português [risos], muito tudo. Matemática para falar sobre o número de pessoas que seriam afetadas, o número de pessoas que estavam aderindo, a gente teve que fazer contas matemáticas para tocar nossa luta. A gente então utilizou basicamente todos os conhecimentos escolares para fazer uma mensagem, uma simples matéria. A gente teve que estudar muito.

As questões 6 e 7 indagavam sobre a natureza (individual ou coletiva) e o processo (propiciando ou não aprendizado entre pares) das produções midiáticas realizadas nas ocupações e, eventualmente, na escola. O caráter coletivo das produções no movimento foi sempre destacado, bem como a possibilidade de aprender (e ensinar) com os colegas. Isso se relaciona ao caráter do movimento e à preocupação em produzir mensagens relacionadas aos objetivos comuns. O uso da mídia na escola pouco se dá, porém um dos estudantes nota que, em sua trajetória escolar, realizou trabalhos com a mídia em escola particular, mas não na pública. E na realização do trabalho percebeu troca de conhecimentos com os colegas.

Para entender se os jovens faziam pesquisa ou buscavam referências em produções comerciais ou de mídia alternativa, para realizar seus trabalhos midiáticos (nas ocupações ou na escola), as questões 8 e 9 obtiveram respostas divididas. Alguns dos jovens ativistas dizem que houve pouca influência de outras fontes, destacando o caráter “improvisado” do que fizeram. Outros afirmaram ter buscado referências, pois seria uma forma de tornar o material mais interessante e divulgar a causa.

[...] assistimos a alguns vídeos de documentários que traziam um ar mais leve, às vezes cômico, mas que trazia uma informação de maneira extremamente compreensível, com bastantes elementos visuais,



e nessa pegada, queríamos desenvolver o nosso material (A, estudante masculino da Capital – entrevista).

A preocupação com avaliar a “qualidade” (veracidade, correção, uso de argumentos) da informação da mídia, no contexto das ocupações e na prática escolar, foi tematizada nas questões 10 e 11. Esta prática quase não ocorre na escola (apenas uma estudante lembrou, com vaga memória, algo assim), no entanto, foi apontada por todos os produtores de mídia juvenis, em relação às ocupações. “Se fosse uma informação de cotidiano social, a gente via se aquela informação se encaixava com o que a gente vê, e a gente ia atrás de outras mídias também, geralmente alternativas” (C, estudante masculino da Grande São Paulo – entrevista).

Por fim, as questões 12 e 13 procuraram perceber a capacidade dos jovens utilizarem múltiplas tecnologias e plataformas, numa mobilização transmídia, no contexto das ocupações e eventuais produções realizadas na escola, bem como acompanhar as repercussões dos trabalhos, de modo a aperfeiçoar suas produções. Isso se relaciona à construção de uma “voz”, a partir da mídia, com o encontro de uma audiência e a capacidade de dialogar com ela.

Novamente, na escola isso pouco acontece, ao contrário da produção propriamente ativista, na qual, “os compartilhamentos e curtidas eram um meio pra eu me orientar sobre como produzir melhor e assim alcançar mais usuários” (V, estudante masculino da Capital - entrevista). Houve assim o trânsito das produções relacionadas às ocupações por múltiplos espaços, inclusive presenciais, como nesse relato:

Fizemos um curta-metragem documentário e alguns teasers que traziam a nossa visão do que os movimentos de ocupações geravam aos nossos olhos. Realizamos exibições desse filme, e conversávamos com as

pessoas ao final da sessão para descobrir o que achavam, e ter esse feedback (A, estudante masculino da Capital – entrevista).

Em diferentes medidas, as competências que Jenkins et al. (2006) apontam como eixos de uma participação relevante na cultura contemporânea – como, por exemplo, a habilidade de escolher e combinar conteúdos de mídia e avaliá-los; a habilidade de agrupar conhecimentos e compará-los com outras pessoas com um objetivo em comum; a capacidade de seguir o fluxo de narrativas em diferentes plataformas – têm sido desenvolvidas pelos jovens pesquisados, em suas ações de produção de mídia ativista. Isso tem ocorrido, especificamente em relação ao conhecimento sobre as tecnologias, mais fora do que dentro das escolas.

6. Conclusão

É possível responder a questão de pesquisa inicialmente proposta sobre a relação entre o conhecimento requerido para a produção juvenil de mídia no contexto das ocupações e o que jovens aprenderam e vivenciam, de maneira geral, nos contextos escolares, afirmando que a relação existente, hoje, é fraca. A mídia, tanto em termos de análise quanto de produção, é pouco enfocada na escola. Por outro lado, os jovens tendem a aprender de maneira informal, a partir de seu acesso mais geral e ampliado às tecnologias (“pesquisando no Google”) e nos relacionamentos com os pares.

O estudo realizado nos leva a duas observações relevantes sobre a possibilidade de integração ou diálogo entre as práticas e conhecimentos obtidos por meio informal e os contextos escolares, com vistas ao desenvolvimento educativo.

Em primeiro lugar – como observado por uma jovem do estudo – vale ressaltar que os conhecimentos tradicionalmente escolares estão incorporados às práticas de mídia. Para fazer um roteiro de vídeo é preciso escrever, bem como



pesquisar, por exemplo. A melhor maneira de fazer a combinação dependerá, caso a caso, das diferentes situações pedagógicas e interesses de aprendizagem.

Em segundo lugar, as aprendizagens subsidiárias propiciadas pelo desenvolvimento de novas competências pelos jovens colocam, paradoxalmente, no caso da mídia ativista estudada, o

elemento técnico e instrumental da manipulação das linguagens em segundo plano. O que parece ter sido mais importante foi o **propósito de criação de mídia**, visto pelos participantes como suficientemente significativo para exigir buscas de conhecimentos. Essa é uma possível lição do ativismo midiático juvenil para contextos formais de educação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENNETT, W. Lance (ed.). *Civic life online: learning how digital media can engage youth*. Cambridge, MA: MIT Press, 2008. 206p.

BUCKINGHAM, David. Precisamos realmente de educação para os meios? *Comunicação & Educação*, São Paulo, Ano XVII, n. 2, p.41-60, jul-dez, 2012.

CAMPOS, Antonia Malta; MEDEIROS, Jonas; RIBEIRO, Márcio M. *Escolas de luta*. São Paulo: Veneta, 2016. 352 p.

CARPENTIER, Nico. *Media and Participation: a site of ideological-democratic struggle*. Bristol, Reino Unido: Intellect, 2011. 408 p.

CENTRO de Mídia Independente de São Paulo. *Escolas Estaduais Ocupadas em SP #OcupaEscola*. 14 de dez. 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/WVvga7>>. Acesso em: 28 de nov. 2016.

DAHLGREN, Peter (ed.). *Young citizens and new media: learning for democratic participation*. Nova Iorque: Routledge, 2007. 320 p.

GIRARDELLO, Gilka; OROFINO, Isabel. Una mirada sobre educación y medios en Brasil. *Infoamérica*, Málaga, n.5, p.113-122, enero-abril, 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/dMmHtW>>. Acesso em: 28 de nov. 2016.

JENKINS, Henry. Youth Voice, Media, and Political Engagement - Introducing the Core Concepts. In: JENKINS, Henry, SHRESTHOVA, Sangita; GAMBER-THOMPSON, Liana; KLIGLER-VILENCHIK, Neta; ZIMMERMAN, Arely M. *By any media necessary: the new youth activism*. New York: NYU Press, 2016. p.1-60.

JENKINS, Henry, PURUSHOTMA, Ravi; WEIGEL, Margaret; CLINTON, Katie; ROBISON, Alice J. *Confronting the challenges of participatory culture: media education for the 21st Century*. Occasional Paper. Boston, MA: MIT/MacArthur Foundation, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/628IbO>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. DIY Media: A contextual background and some contemporary themes. In: LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. (Eds.). *DIY Media: creating, sharing and learning with new technologies*. Nova Iorque: Peter Lang Publishing, 2010. p.1-24.

MENDONÇA, Ricardo. Popularidade de Alckmin atinge pior marca, aponta Datafolha. *Folha de S. Paulo*. São Paulo, 4 dez. 2015. Cotidiano. Disponível em <<https://goo.gl/JRwg8I>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. *Trab. Ling. Aplic.*, Campinas, v.49, n.2, p.393-417, jul-dez, 2010. Disponível em: <<https://goo.gl/RetWn1>>. Acesso em: 20 nov. 2016.

SCOLARI, Carlos A. Alfabetismo transmedia. Estrategias de aprendizaje informal y competencias mediáticas en la nueva ecología de la comunicación. *Revista TELOS*, Madrid, n.103, p.13-23, feb-may, 2016. Disponível em: <<https://goo.gl/0zxH7m>>. Acesso em: 20 jan. 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011. 104 p.

Recebimento: 08/04/2017
Aprovação: 21/06/2017

